

A GEOPOLITICA E A GUERRA

Ten.-Cel. PAULO ENÉAS F. DA SILVA

SUMARIO

1. Generalidades.
2. Os Estados e sua posição relativa no globo; conceitos decorrentes.
3. O espaço, elemento FÓRÇA de um Estado. Estados de pequeno espaço. O espaço vital.
4. A pressão demográfica e seus reflexos sobre as Nações. A guerra como uma consequência desse fenómeno.
5. O espaço como fator defensivo. A RÚSSIA na Segunda Guerra Mundial. A ÁFRICA.
6. Conclusões.

GENERALIDADES

Não se pode discutir, nos tempos que correm, a importância da geopolítica na solução dos problemas nacionais ou entre Estados. Ao contrário, governos e povos em geral, emprestam o máximo valor a esse ramo da ciência geográfica.

Embora recente (o aparecimento da Geopolítica, como ciência, vem do começo deste século), seu desenvolvimento tomou grande vulto e teve campo propício nos grandes países tais como a Inglaterra, França, Estados Unidos e outros. Na Alemanha, seu berço, várias foram as escolas. E cumpre destacar os mestres Ratzel, Haushofer, citando os germânicos. Na Inglaterra, Mackinder.

Na Alemanha dos tempos atuais, a geopolítica serviu aos interesses do governo para lançar o povo na maior das catástrofes já registradas no mundo. Os Estados da Europa, vêem, assombrados, quão inúteis foram os seus sacrifícios. Os espaços já não bastam. A geo-

política reclama novas expansões. Uma outra guerra se delinea.

A POSIÇÃO RELATIVA DOS ESTADOS NO GLOBO

1. Não é indiferente a posição que um determinado Estado ocupa na superfície do globo. A área mundial está indiscutivelmente dividida em zonas de influência diversas. A posição relativa portanto de cada Estado, em relação a essas Zonas, se reveste de aspectos peculiares. Ora assume importância destacada, ora submerge no conjunto das outras nações.

Se tomarmos, por exemplo, dois Estados poderosos como a Inglaterra e o Japão, situados um e outro em zonas de influência diversas, verificaremos o seguinte:

a) Embora ambos *insulares*, a Inglaterra, na Europa, cercada por outras potências militares, oferece-nos, no estudo do último conflito, um exemplo insofismável da relação geopolítica entre Estados poderosos e vizinhos. O Japão numa zona de influência quase sua, somente sofreu a ação direta dos bombardeios aéreos ou navais, norte-americanos. A sua expansão sobre a China, outro grande Estado do Oriente, foi praticamente desimpedida.

b) A condição insular de ambos trouxe-lhes como inevitável a expansão marítima, no sentido de proteger o Estado e garantir as comunicações com o mundo exterior. A Inglaterra, porém, na Europa, sofria as contingências do bloqueio submarino, por parte dos alemães, causando-lhe perdas avultadas, enquanto que o Japão, na vastidão do Pacífico, pôde conservar por muito tempo a liberdade nos mares.

2. Estados há que, encravados entre outros mais poderosos, se vêem sempre no dilema da opção, arrastados por um ou outro, nas competições entre eles.

Tratando-se de Estados poderosos, no centro de um conjunto de outros de valor inferior, o problema se reveste de outro aspecto. A influência daqueles se estende aos vizinhos.

Outras vezes, dois ou mais Estados, por questões económicas, políticas ou sociais, embora separados entre si, constituem-se em ligação. O "eixo" ROMA-BERLIM-TÓQUIO é o exemplo típico.

3. As relações dessas posições geográficas dos Estados com o problema da guerra são evidentes. E oferece-nos aspectos até mesmo paradoxais. A Inglaterra, junto às grandes potências continentais do Eixo, embora muito próxima delas, sobreviveu; o Japão, também uma ilha, embora elemento de maior influência na área do Pacífico, foi vencido. No primeiro caso, a posição inglesa constituiu o ponto de aplicação das forças para destruição do Eixo; no segundo, a resultante dessas forças.

4. As observações feitas podem ser resumidas em alguns conceitos já estabelecidos e que transcrevemos:

"Na guerra, a posição relativa ideal de um Estado é a de rodeado de outros de menor potencialidade que a sua.

Estados fracos, vizinhos de Estados poderosos, correm o risco de cair na órbita de influência destes.

Estados poderosos e vizinhos, mas de interesses opostos, criam um ambiente de intranquilidade cuja solução, às vezes, única, é a guerra".

A PRESSÃO DEMOGRÁFICA

1. Compreende-se por pressão demográfica a maior ou menor densidade de população de um Estado. Conseqüentemente, há países de grande, pequena e fraca ou nenhuma pressão demográfica. A Alemanha, os Estados Unidos e o Brasil são exemplos, respectivamente, desses três tipos citados.

2. Vários podem ser os reflexos dessa pressão demográfica sobre o Estado. Em alguns casos, típicos de excesso de população, os efeitos transpõem as fronteiras do país e penetram pelos vizinhos. Fazem-no pacífica ou violentamente. Ocorrem no campo social político e mesmo militar.

Esse conceito expansionista, resultante do excesso de pressão demográfica, arrastou o Japão à luta na China. Sob aspecto um tanto diverso, fez a Alemanha invadir outros povos. O rótulo era sempre o mesmo: "espaço vital".

Casos há em que o fator económico predomina. E a luta se desencadeia no sentido de obter novas fontes de trabalho, de produção, em benefício do progresso político e social do Estado que se expande.

3. A guerra é sempre uma decorrência da pressão demográfica. A política do país orienta-se no sentido de desviar os anseios do povo para o rumo da expansão geográfica. A geopolítica torna-se um instrumento de guerra nas mãos do governo.

O ESPAÇO FATOR DEFENSIVO

1. Na guerra, o Comando precisa muitas vezes ceder terreno para conservar ou recuperar sua liberdade de ação. Consegue assim ganhar tempo.

O conceito moderno da defensiva fugiu da noção antiga linear. Substituiu-a pela questão da profundidade.

As posições defensivas da guerra moderna se desdobram largamente para a retaguarda e só assim podem responder às possibilidades enormes dos engenhos ofensivos. Rompida uma parte da frente, a defesa não submerge. Prossegue mais a fundo. Obriga o atacante a novos esforços, novos desgastes. As vezes consegue mesmo esgotá-lo por completo. STALINGRADO é o exemplo mais convincente.

2. A luta não se limita hoje em dia às linhas de frente. A guerra é total. Nela são abrangidas as indústrias, os parques, tudo enfim que concorre para alimentar o combate, em homens e material. Tudo isso requer espaço em larga escala

para que uma vez produzido o choque, aquelas atividades possam ter a segurança compatível com a situação.

Um Estado de área reduzida não pode jamais pensar em que suas instalações pesadas fiquem à margem da luta, exclusão é claro dos bombardeios à grande distância. Os Estados Unidos da América do Norte conseguiram-no, dirão alguns. Mas porque? Caso excepcional. Ainda não haviam sido envilvidos no teatro da luta. O Japão não escapou. Quem ignora o bombardeio de Tóquio e o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki?

3. A guerra futura não respeitará distâncias. A superfície terrestre e dos mares reduzir-se-á a escalas desprezíveis. O mundo será um só, na expressão de WENDEL WILKIE.

4. Da última guerra podemos destacar o caso da Rússia. Acreditam os técnicos militares de todos os países que a extensão territorial salvou-a. Acrescente-se, na verdade, o potencial humano. HITLER pasmava-se de saber que, destruído um Exército, outro surgia como fantasma, em outra posição. E com todo poderio esperado.

A história militar russa nos oferece a repetição desse fenômeno. A campanha alemã de 41 e a de Napoleão. Ambos os invasores tiveram que lutar em extensas regiões, ora desertas, ora geladas, que dizimavam suas tropas mais que os combates em si.

A campanha da África dá-nos outro exemplo. Evitou, de um lado, a derrota da Inglaterra no Oriente; de outro, salvou o canal de SUEZ. E o mesmo deserto apressou a derrota dos exércitos alemães.

CONCLUSÕES

As duas últimas guerras mundiais deixaram-nos lições bem claras sobre a influência da geopolítica no seu desenrolar. A expansão alemã para Leste e Oeste foi conseqüência, de um lado, da mentalidade política reinante e, de outro, do sonho geográfico — Grande Alemanha, herdado dos ancestrais prussianos.

As nações pequenas, militarmente fracas ou geograficamente mal situadas, ou desaparecem (caso da Polônia e outras) ou entram para a órbita dos grandes. Poucas puderam permanecer à margem dos acontecimentos. Portugal, Espanha e Suíça. Do lado de cá do Atlântico a Argentina.

Regiões há que, embora despoçadas e pouco conhecidas, assumem valor estratégico desusado com a ampliação do conceito de geopolítica. A GROELÂNDIA e o ÁRTICO afinal, para mencionar os mais em moda. A guerra futura cogitará por certo dessas áreas. Será então mais mundial que nunca.

Destaquemos por fim os conceitos relativos às nações fortes e fracas. Aquelas poderão amanhã tornarem-se fracas se as condições econômicas, sociais ou políticas, ou tôdas juntas, submergirem. O estudo geopolítico desses países, feito objetivamente, permitirá uma conclusão do acréscimo ou decréscimo do seu poder militar. Os reflexos sobre a área de sua influência serão sentidos incontinentemente. As possibilidades de guerra, deduzidas em seguida. A geopolítica continuará sendo a arte de guiar a política ou a ciência geográfica de um Estado.

ARMAZEM SERGIPE

DE

Oldack Ferreira de Andrade

Sêcos e Molhados e Refrigerantes

RUA BELIZARIO DE SOUZA, 178-A

PADRE MIGUEL

DISTRITO FEDERAL